

## UMA NOVA HISTÓRIA

M. Paulo Nunes

Foi relendo os belos estudos contidos no livro de autoria deste sábio representante da cultura brasileira que é Alberto da Costa e Silva, **Das Mãos do Oleiro** (Editora Nova Fronteira, 2005), de modo especial o ensaio primoroso por ele denominado *Quem fomos no século XX: as grandes interpretações do Brasil*, que descobri a explicação para o processo de construção da obra admirável de Jesualdo Cavalcanti, **Memória dos Confins** (Teresina, 2005), por mim apresentada quando de seu lançamento, em junho de 2005. Ou seja, o país não era aquele entrevisto por nossas elites dirigentes, visto de fora para dentro, como parte da expansão mercantil do nascente capitalismo europeu para fornecer-lhe açúcar e bens extrativistas. O seu enredo, no entanto, diz-nos ACS, não foi tecido apenas por esses interesses, mas pelas classes sociais em luta. (Ob. cit. p. 88).

Sempre me intrigara no processo de formação social e econômica de nosso Estado o fato de termos desenvolvido comunidades prósperas no interior, com câmaras municipais autônomas, como a de Jerumenha, que se oporia, num gesto de conservadorismo, mas também de altivez, ao gesto de D. Pedro ao proclamar a nossa independência, às margens do Ipiranga. E outras como as de Parnaíba, Campo Maior e not last but not least, Oeiras, a ex-capital. Assim se explica o fato insólito de Parnaguá, no extremo sul do Estado, ter-se revelado, em pleno período de formação, um núcleo altamente desenvolvido, política e economicamente, como fonte geradora de progresso e desenvolvimento, capaz de subsistir por si mesma, a tantas lutas e mutações sociais e políticas.

O livro de Jesualdo Cavalcanti nos conta esta bela história. Parnaguá, aparentemente sem qualquer influência política e econômica, nos daria uma galeria de pró-homens, alguns deles detentores de títulos nobiliárquicos, que muito influíram na história de seu tempo. Por tudo isso pode ser tido este como um livro revelador. Das possibilidades que temos de construir o nosso próprio destino.

Tomemos um exemplo apenas: o do início da navegação do rio Parnaíba, fator que determinaria a mudança de nossa capital, de Oeiras para a margem do Parnaíba, determinada não apenas pela necessidade vital para superarmos a primazia comercial de Caxias, mas também pelo incremento da política econômica do Estado que passaria a ser feita através do rio Parnaíba.

Conforme depõe o autor desta obra que ora comentamos, não tendo o rio papel estratégico significativo na longa caminhada que se inicia com a fundação dos primeiros currais na década de 1670, a influência de Parnaguá, um núcleo irradiador, já àquela época, de cultura e civilização, ter-se limitado apenas ao sul da Capitania. Daí o acesso de Parnaguá ao alto Parnaíba, para usarmos suas próprias palavras, ter-se iniciado somente em 1854, quando, numa verdadeira marcha empreendida para o sudoeste, partia dos sertões de Gilbués o capitão José Antônio Barreira de Macedo para, em balsas

de buriti, alcançar a recém-criada Teresina e, na volta, à margem direita do Parnaíba, fundar a povoação de St<sup>a</sup> Filomena, com garantia de apoio oficial (Ob. cit., pp.6-7).

Fiquemos, por enquanto, por aqui. Livro revelador e rico em informação documental, fruto do trabalho persistente deste incansável pesquisador, por certa haverá de ficar como das mais seguras contribuições à nossa história, realizada com método e apoio documental. Parabéns ao dileto amigo e historiador de peso, pela obra realizada em favor do Piauí e de seu povo.

\*Ex-presidente da Academia Piauiense de Letras.

*(Publicado no jornal Meio Norte, de 15.5.2007)*